

# Identidade diluída no “campo da comunicação”

## JORNALISMO:..

“Minhas viagens através dos territórios  
Do conhecimento fizeram de mim um  
contrabandista do saber, e é por isso  
que os sentinelas atiram em mim.”

Edgar Morin



**Márcia Franz Amaral**

Professora Assistente do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da UFSM

## **resumo**

O artigo discute a necessidade de recuperar o objeto do jornalismo nos Cursos de Comunicação. O Jornalismo é uma forma de conhecimento, mas suas especificidades têm sido diluídas nos estudos de comunicação.

### **Palavras chave**

Jornalismo, Ensino, Comunicação

## **abstract**

This article discusses the needs of recovering the journalism object in the Communication Courses. Journalism is a way of knowledge, however its characteristics have been dissolved in the communication studies.

### **Key words**

Journalism, Teaching, Communication

O texto faz uma reflexão sobre o jornalismo como elo perdido no ensino da comunicação. As habilitações de Jornalismo dos Cursos de Comunicação Social brasileiros têm ignorado muitas das especificidades da profissão. A abstrata expressão *comunicador social*, carimbada nos diplomas, encobre as habilidades, formações éticas e sócio-culturais específicas.

O trabalho parte dos estudos de Eduardo Meditsch sobre a necessidade de resgate do objeto do jornalismo nos Cursos de Comunicação, baseando-se na idéia de que se o Jornalismo é uma forma de conhecimento, os cursos precisam dar conta de suas especificidades. Professores da Universidade Federal de Santa Catarina como Meditsch, Adelmo Genro Filho, Nilson Lage norteiam a discussão.

A perda do objeto do jornalismo no chamado "campo da comunicação" não foi por acaso ou distração. A informação jornalística assume importantes papéis a partir da sociedade industrial e o jornalismo tem sido, com todos seus limites, um contrabandista (como diz Morin) de saberes, recebendo por isso, ataques furtivos e programados.

A busca da formação consciente do futuro implica que cada indivíduo, no interior da coletividade, tenha possibilidade de apropriar-se, de conhecer, de saber o que significa o outro indivíduo, os outros grupos, as outras sociedades, as outras culturas e comportamentos, e tenha acesso à pluralidade de acontecimentos produzidos por eles (...). A informação diária, que pode mostrar o mundo para si mesmo, é requisito indispensável para que o sujeito que se constrói com os outros cotidianamente não seja um mero apêndice encostado na sociedade. (KARAM, 1997: 24)

A transformação dos Cursos de Jornalismo em Cursos de Comunicação tem origem histórica demarcada na América Latina. A UNESCO, no final da dé-

cada de 50, diagnosticou o descompasso das universidades em relação às estratégias desenvolvimentistas e, em 1960, criou o CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (MELO, 1998). A atuação do CIESPAL transformou as pioneiras Escolas de Jornalismo em Faculdades de Ciências da Informação, a partir de um modelo curricular polivalente. Em clima de Guerra Fria, a UNESCO preocupa-se com a possibilidade de o Jornalismo agravar os desajustes políticos e começa a criar centros de formação de professores de jornalismo, entre eles o CIESPAL.

No Brasil, os cursos surgiram vinculados às áreas de filosofia e letras, com ênfase na ética da atividade jornalística. O Curso Superior de Jornalismo na Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro) surgiu em 1935, oferecendo uma formação humanística, com estudos sociais e deontológicos, mas acabou sendo fechado pelo Estado Novo. As diretrizes pedagógicas para os Cursos de Jornalismo no Brasil foram estabelecidas em 1946, mas a partir de 1948, novas idéias sobre o ensino da profissão começam a tomar forma. Pode-se dizer que até 1960, os Cursos de Jornalismo formavam profissionais para atividades artístico-literárias. Em 1962, surge o primeiro currículo mínimo oficial e, com o Golpe de 1964, o segundo currículo mínimo de jornalismo é elaborado por um técnico treinado pelo CIESPAL. Aparece a idéia do jornalista polivalente, do comunicador social e aposta-se numa visão técnica da profissão.

Em 1965, o CIESPAL, após seminários na América Latina, recomenda a transformação dos cursos em Institutos de Comunicação. Mesmo com falta de infraestrutura adequada, o ensino teórico foi "tecnificado". Em 1969, o Conselho Federal reformulou o currículo (com apoio do mesmo técnico do CIESPAL) e transformou as escolas de jornalismo em Faculdades ou Cursos de Comunicação

Social. As propostas do CIESPAL só não são inteiramente implementadas porque o Brasil, mais industrializado, precisava, além do comunicador polivalente, de jornalistas, relações públicas, publicitários e assim por diante. O currículo é dividido entre ciclo básico e ciclo profissionalizante, numa tentativa de equilibrar teoria e prática. Assim, o governo militar adotou a idéia de preparar comunicadores, mas também atendeu às pressões corporativas, regulamentando a profissão. Tudo indica que as Escolas de Comunicação, ao se estruturarem no contexto do AI5, provavelmente não tiveram a liberdade necessária para refletir a realidade da comunicação no Brasil de uma forma crítica. Priorizou-se a prática, já que a regulamentação da profissão exigiu a implantação de laboratórios nas faculdades.

Após 1974, com o abrandamento da censura, a vitória de candidatos de oposição e a criação dos cursos de pós-graduação, passou a existir uma reflexão

mais crítica nos Cursos de Comunicação, porém o estudo da comunicação alternativa não dava respostas ao cotidiano profissional. A falta de iniciativas que resgatassem a autonomia do jornalismo

saber fez com que as escolas continuassem produzindo profissionais deslocados do mercado.

O currículo de 1979 teve sua aplicação optativa. Tinha a intenção de ser mais crítico e reflexivo, mas perde-se ao se preocupar com o tecnicismo e ao transferir o ensino da prática ao estágio nas empresas, como diz Meditsch. O documento intensificou a tendência à especialização, extinguiu o comunicador polivalente e criou as habilitações de Rádio, TV e Cinema, não recuperando a base humanista perdida nos primeiros currículos.

O currículo mínimo estabelecido em 1984 reabilitou a prática e exigiu os laboratórios dos cursos, garantindo assim os estudos específicos (jornalismo, relações públicas, publicidade, cinema, editoração) após o chamado "ciclo básico". Entretanto, perdeu o foco necessário nas habilitações. O currículo relaciona como matérias obrigatórias no tronco comum: Filosofia, Sociologia (Geral e da Comunicação), Língua Portuguesa, Realidade Sócio-econômica e Política Brasileira, Comunicação Comparada e Teoria da Comunicação. Como lembra Nilson Lage (1997), com a crise de referências das Ciências Sociais e das Ciências Humanas o universo teórico apresentado nas Escolas de Comunicação fica fragilizado nos últimos anos.

Os Cursos de Pós-graduação também colaboram com a nebulosidade teórica do jornalismo ao formar, em sua maioria, portadores de títulos com viés "comunicológico" e sem distinção profissional. A situação foi amenizada nos últimos anos pelo fato de os cursos contarem, cada vez mais, com professores formados em Comunicação, pois anteriormente, a maioria das disciplinas eram ministradas por doutores de outras áreas (linguística, sociologia).

A reconversão do olhar para o universo teórico e a prática profissional é condição para que seja possível debater a possibilidade de uma teoria da informação pública e a construção de um lastro consistente para a formação de jornalistas.

## Comunicação, jornalismo e ciência

A comunicação abriga conceitos da cibernética, da sociologia, da antropologia, da lingüística, da psicologia, da filosofia, como ensina Lage. Para o autor, por ser tão universal e abrangente, a ação de comunicar não se constitui num *corpus* que se possa considerar uma ciência. Na

maioria dos Cursos de Comunicação, o estudo do jornalismo se efetiva tão somente no momento das disciplinas práticas. É evidente que a Comunicação Social constituiu-se um campo acadêmico legítimo, mas é preciso revitalizar o estudo do jornalismo e desenvolver teoria e metodologia adequadas à prática profissional.

Genro Filho é o autor do livro que marca uma nova fase na discussão sobre a natureza do jornalismo, subsidiando vários estudos a posteriori. O jornalismo se constitui numa forma de conhecimento da imediaticidade, cada vez mais ampla e complexa para o cidadão. Se na Idade Média o homem acompanhava pessoalmente os movimentos da sua realidade, com a industrialização foi necessário criar formas para substituir a percepção individual dos fenômenos imediatos.

O jornalismo, assim como a ciência, é uma forma de produção de conhecimentos, mas não uma forma de conhecimento qualquer. Genro Filho recorta três categorias hegelianas para esculpir o conceito de jornalismo: o singular, o particular e o universal. Se a ciência se baseia na categoria do universal, o jornalismo resgata o singular, reproduzindo os fatos pelo ângulo do fenômeno, da aparência e da imediaticidade. MEDITSCH, a partir de GENRO FILHO, considera o jornalismo uma forma de conhecimento que na prática tanto pode servir para reproduzir outros saberes, quanto para degradá-los. Para ele, a metodologia científica, por exemplo, não é o único modo de conhecer e talvez nem seja a forma mais importante para relacionar a complexidade do mundo à nossa sobrevivência individual. Talvez o jornalismo seja capaz de "revelar aspectos da realidade que não são alcançados por outros modos de conhecer mais prestigiados em nossa cultura" (MEDITSCH, 1997:6) Assim, o jornalismo fala da aparência do mundo, lida com o campo do senso comum e não compete com o saber construído pela ciência.

(...) enquanto a Ciência se torna um modo de conhecimento do mundo explicável, o Jornalismo se torna um modo de conhecimento do mundo sensível. Cada um vai ter a sua forma própria de refletir e, inevitavelmente, de refratar a realidade. (MEDITSCH, 1992: 56)

## Objeto perdido

Gabriel Garcia Marquez lembra que a necessidade de respaldo acadêmico para o jornalismo deu origem às escolas e faculdades, mas a sua expansão varreu "até o nome humilde que o ofício teve desde suas origens no século XV, e que agora não é mais jornalismo, mas Ciências da Comunicação e Comunicação Social." (MARQUEZ, 1998)

o resultado não é, em geral, alentador. Os jovens que saem desiludidos das escolas, com a vida pela frente, parecem desvinculados da realidade e de seus problemas vitais (...) o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte. (GARCIA MARQUEZ, 1998)

É evidente que a Comunicação Social constituiu-se um campo acadêmico legítimo, mas é preciso revitalizar o estudo do jornalismo e desenvolver teoria e metodologia adequadas à prática profissional.

A diluição do jornalismo no campo na comunicação se evidencia pela ausência, por exemplo, da disciplina Teoria do Jornalismo na maioria dos cursos, tendo como exceção o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - o primeiro do país a incluir a disciplina em seu currículo.

Ao abandonarem a possibilidade de uma teoria do Jornalismo por uma teoria da comunicação humana, os cursos criam uma lacuna insuperável entre teoria e prática, já que a prática que eles se propõem a ensinar não é a prática genérica da comunicação humana. (MEDITSCH, 1992:86)

Além de disciplinas que permitam o estudo da Teoria do Jornalismo, faltam oportunidades para discussões sobre jornalismo regional, jornalismo especializado, assessoria de imprensa, pesquisa em jornalismo, história e jornalismo, literatura e jornalismo, jornalismo online. A concepção da relação teoria e prática nos currículos deve ser modificada para que não se deixe somente para o aluno a sua articulação. O curso de jornalismo também deve proporcionar a análise da imprensa e do contexto social, acompanhando, de forma crítica e permanente, a atuação dos veículos de comunicação.

## Resgate do ofício

O texto que propõe um Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação Profissional dos Jornalistas, elaborado no Congresso Extraordinário da Federação Nacional dos Jornalistas, aponta a necessidade de uma "atribuição de um rumo socialmente arbitrado para a orientação da formação dos jornalistas do país" (1997:p.1). O documento prevê como um dos requisitos conceituais para a formação do jornalista a compreensão da especificidade dessa atividade de pro-

dução do conhecimento em relação às demais formas de produção do conhecimento. Nas preocupações com o relacionamento entre teoria e prática evidencia-se a necessidade de análise crítica de fatos concretos que manifestem o fenômeno da excedência dos meios - inclusive os meios de comunicação - em relação aos fins humanos para os quais foram concebidos, originando a autonomização dos meios (materiais e institucionais) e a desumanização nas práticas sociais. Os dois trechos da primeira versão do Programa Nacional retomam a necessidade de os Cursos proporcionarem o estudo da abordagem jornalística da realidade.

O Estudo Preliminar e Parcial de Diretrizes Curriculares, redigido pela Comissão de Especialistas da área do Ministério da Comunicação e representantes das entidades profissionais, acadêmicas e estudantis, não foi muito além da definição do perfil, competência e habilidades do Comunicador Social. Como se trata de um documento-base para discussão, é necessário repensá-lo. Meditsch chega ao exagero ao concluir que o texto preliminar das Diretrizes é a consagração da não-profissão. É importante resgatar o jornalismo, assim como o é reconhecer que existe uma fatia de práticas, diversas e desorganizadas ainda, é verdade, que podem ser englobadas sob o título "comunicação". Um dos campos de atuação que cada vez mais se desenvolvem nesse caminho são as chamadas Assessorias de Comunicação que tratam com uma infinidade de práticas e reflexões que nem sempre se identificam com o campo do jornalismo.

É fundamental romper com a superficialidade na definição dos profissionais que pretendemos formar. Garcia Marquez aborda essa fragilidade da formação dos jornalistas, declarando-se consolado por supor que muitas das transgressões da ética que aviltam e envergonham o jornalismo de hoje, nem sempre se devem à imoralidade, mas à falta de domínio do ofício. Hoje os alunos são pe-

nalizados com o baixo nível de reflexão teórico-prática do jornalismo. A falta de reprodução das condições reais de trabalho nas aulas práticas e a distância com o mercado agravam o quadro.

É evidente que o jornalista, por abordar temas de várias áreas, não tem a obrigação de ter um conhecimento enciclopédico, mas necessita de uma formação específica.

Así, no es que el periodista que se transforma en médico o historiador, sino que la Medicina y la Historia se manifiestan através del Periodismo. Por eso, la mediación, la búsqueda y la confrontación de fuentes, la edición y una grande cantidad de otros procesos y procedimientos tiene, en sus diferentes fases, un compromiso con la teoría, con la ética, con la estética y con la técnica, que es por donde todas se manifiestan. O sea, hay un saber y un hacer específicos. (KARAM, 1998:2)

MELO (1998), ao abordar a redução do Jornalismo à mera habilitação do curso de Comunicação Social cita as duas diretrizes básicas orientadoras das universidades que estão tentando furar esse bloqueio. A primeira é a iniciativa de redemarcação do espaço do jornalismo no universo comunicacional e a segunda, a construção de uma nova identidade universitária para o jornalismo, a partir da idéia que a atividade exige uma base cultural sólida em áreas específicas do conhecimento. Não basta formar comunicadores ou jornalistas com formação superficial limitados a responder apenas as perguntas do lead. É necessário formar produtores de conhecimento, embora a interdisciplinaridade seja obviamente salutar e as contribuições do universo teórico da área da Comunicação sejam importantes. Se o jornalismo não se reduz a um meio de comunicação e se reveste de uma importante forma de conhecimento apresentada diariamente à sociedade, a formação dos profissionais deve ser sis-

tematizada, crítica e, sobretudo, específica.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases e o estabelecimento da liberdade curricular, será possível reconstruir a identidade do jornalismo, consolidando-o como campo do saber e recolocando-o ao alcance como objeto de estudo. Trata-se de dar maior ênfase aos estudos delineadores da silhueta da atividade jornalística e relacionar a formação humanística à prática e à reflexão do ponto de vista da profissão. A prática mecânica e a reflexão deslocada não contribuem para uma competente abordagem jornalística da realidade.

A primeira é a iniciativa de redemarcação do espaço do jornalismo no universo comunicacional e a segunda, a construção de uma nova identidade universitária para o jornalismo, a partir da idéia que a atividade exige uma base cultural sólida em áreas específicas do conhecimento.

## Bibliografia

CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DA FENAJ. Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação Profissional dos Jornalistas. Vila Velha, Espírito Santo - 24 a 26 de julho de 1997.

DIRETRIZES CURRICULARES DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. MEC, 1999.

FILHO, Adelmo Genro. **O Segredo da Pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. A melhor profissão do mundo. **Agência Jornal do Brasil**. 1998. No endereço eletrônico: <http://www2.uol.com.br/observatório>

GENTILLI, Victor. Nova prática

no ensino do jornalismo: uma experiência no Espírito Santo. **Revista do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**. Minas Gerais, n.1, ago. 1997

KARAM, Francisco José. Las facultades de comunicación son las responsables de los errores profesionales de los futuros periodistas? **El Ciervo**. Barcelona, n.565, abr. 1998.

\_\_\_\_\_. Jornalismo, Ética e Liberdade. São Paulo: Summus, 1997.

LAGE, Nilson. Ensino de Jornalismo e atualização curricular. **Palestra no Simpósio Goiano pela Qualidade do Jornalismo**. 6.12.1995

\_\_\_\_\_. Pesquisa em Comunicação. 21.09.1997. No endereço eletrônico: <http://www.cce.ufsc.br/~com/curso.html>

LOPES, Dirceu. Reflexões sobre o ensino de jornalismo. **Revista do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**. Minas Gerais, n.1, ago. 1997

MEDITISCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Cursos da arrábida - Universidade de Verão/ Universidade Nova de Lisboa. Set. 1997

\_\_\_\_\_. Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

MELO, José Marques de. Jornalismo: carreira ou habilitação? Idéias para superar o retrocesso curricular brasileiro. **Revista do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**. Minas Gerais, n. 2, ago. 1998

MELO, José Marques de; FADUL, Anamaria & SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Ideologia e poder no ensino da comunicação**. São Paulo: Cortez&Moraes/ Intercom, 1978.

MORIN, Edgar. **Idéias Contemporâneas** (entrevistas do Le Monde). São Paulo: Ática, 1989.

PEREIRA, Carmem. Reflexões sobre a proposta da Comissão de Especialistas do MEC. 1999. No endereço eletrônico <http://www2.uol.com.br/observatório>.

RUBIM, Albino. **Resposta a Eduardo Meditsch**. 1999. No endereço eletrônico <http://www2.uol.com.br/observatório>.

## Endereço da autora

Márcia Franz Amaral  
Rua Daltro Filho, 325, ap. 302  
97050-280 - Santa Maria - RS  
Telefone: (055) 221.2193  
e-mail:  
[marciafamaral@sm.conex.com.br](mailto:marciafamaral@sm.conex.com.br)